

Vaquejada: Festa de Bravos*

(Fonte: O Ceará dos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 230.)

Durante todo o ano o vaqueiro se prepara, exercita-se, para aquele momento: a vaquejada. Esporte rústico, violento, até cruel, o duelo entre o boi e o vaqueiro empolga e representa o instante supremo de realização pessoal do homem, acostumado às provas mais duras contra a natureza hostil e o bicho indomável. Anualmente, ao ensejo da festa do padroeiro – O Divino Espírito Santo, feriado no município – a Associação dos Vaqueiros e Criadores de Morada Nova promove a vaquejada, ponto culminante de um vasto programa que assinala aquela efeméride religiosa.

A vaquejada de Morada Nova rompeu as fronteiras municipais.

Ganhou projeção em todo o Estado e até nos Estados vizinhos. Os mais afamados vaqueiros dos sertões vêm “medir forças”, mostrar seu valor, na pista poeirenta, enfrentando dois bravios, devidamente selecionados.

A festa começa ao amanhecer, quando com seus trajes típicos – o gibão, as polainas, o guarda-peito, o chapéu de couro – os vaqueiros, montando seus cavalos, desfilam pelo centro da cidade de Morada Nova. As bandeiras tremulam na frente da tropa. É uma verdadeira festa cívico-esportiva, até com certo cunho militar na observação da disciplina, do alinhamento das colunas – dois a dois -, no passo cadenciado das alimárias.

A Associação de Vaqueiros e Criadores de Morada Nova elabora um bem cuidado programa, que inclui na vespéral da vaquejada um leilão e um forró, muito animados. De manhã, há o café, com muito queijo, canjica, mugunzá, macaxeira e batata-doce, leite em abundância. Depois a missa, momento de fé e de humildade. Os bravos se entregam a Deus, oram pela sorte. E pela vitória. Por volta das onze, sol a pino, a famosa canícula do sertão, começam as provas. O povo já está inquieto. Cada um tem o seu favorito. No fim todos ganham. Menos as reses. Acontece sempre a derrubada. O pobre animal termina esparramado ao chão., levantando nuvens de poeira, após alcançado pela cauda e repuxado violentamente pelas mãos vigorosas do vaqueiro. O lance dura alguns segundos. Como um gol, arranca gritos vibrantes.

A festa vai acabar. Os vaqueiros se agrupam para o churrasco. Comentam os feitos. E dali em diante o pensamento se volta para a próxima vaquejada.

* O Ceará dos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 230.